



Apresentação

Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva*

Com esta edição, a revista *Estudos Semióticos* alcança um duplo marco simbólico. No instante em que lançamos esta que é a décima temporada do periódico, vemos cruzada a linha dos duzentos trabalhos publicados desde o número inaugural, que saiu em 2005. Ao longo do seu primeiro decênio de vida, a eS:Se deu a lume, portanto, uma média anual de vinte textos, entre artigos e resenhas, que retratam a seu modo a movimentação da pesquisa semiótica, essencialmente no Brasil, mas já incluindo um princípio de diálogo com estudos provenientes do exterior. Considerada a modéstia do enraizamento institucional da semiótica, bem como da produção editorial na área, essa vintena de textos postos no ar todos os anos não é negligenciável; ela vem somar-se aos escritos veiculados nuns poucos periódicos (por exemplo, os *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*, da UNESP, ou a revista *Galáxia*, da PUC-SP) e livros, os quais, juntos, delineiam o panorama da investigação brasileira nesse campo do conhecimento. Estudiosos dos quatro cantos do país, representando todas as correntes do pensamento semiótico e, de quebra, umas quantas outras teorias adjacentes, têm sido aqui publicados desde o início da série.

Basta uma olhadela no sumário da eS:Se 10.1 para se notar que, em sua habitual multiplicidade temática, as contribuições não deixam contudo de mostrar ressonâncias recíprocas, tanto em termos de objetos submetidos a análise, quanto de pontos teóricos explorados. Assim, o objeto canção reaparece aqui sob as lentes de três artigos, cada qual pondo em relevo diferentes facetas suas. Marcela U. B. Magalhães comenta, a partir de conhecidas letras de Chico Buarque, a construção pelo enunciador de um *ethos* marcadamente feminino ou que, em nossa cultura, costuma ser tido como tal. Num ângulo de abordagem bem distinto, Martine Groccia concentra a atenção na configuração *sonora* das canções, propondo diferenciá-la das características propriamente musicais desta ou daquela composição, e demonstrando-o na prática mediante o exame de uma canção do cantor e compositor francês

Sanseverino. De volta à esfera da canção brasileira, Carlos Vinicius Veneziani oferece-nos uma meticulosa descrição, inspirada no modelo de seu orientador, Luiz Tatit, do samba “Vide verso meu endereço”, de Adoniran Barbosa, esclarecendo as formas de ligação entre sua letra e sua melodia. Três breves estudos sobre canções, todos de cunho nitidamente semiótico, e que entretanto nos fazem refletir sobre aspectos muito diversos no interior da paleta do cancional, a lembrar o rico leque de problemáticas com que esse objeto continua a nos desafiar.

Quanto às contribuições mais voltadas para o epistemológico e teórico, não é difícil constatar, por um lado, um terreno de intersecção entre os textos de Dario de Araújo Cardoso e Eliane Domaneschi – a dimensão cognitiva, a veridicção e as disposições hierárquicas do saber e do crer. Por outro lado, há certas afinidades entre as considerações de Marcos Rogério Martins Costa acerca da linha divisória entre imanência e transcendência nos estudos discursivos e, em outro registro, a resenha crítica de Waldir Bevidas sobre a filosofia implicitada nos manuscritos de Ferdinand de Saussure, assunto do livro recém-publicado de Herman Parret, *O som e o ouvido: seis ensaios sobre os manuscritos saussurianos de Harvard*. Oportuna leitura a que nos conduz a resenha, tanto mais quando se sabe que a divulgação recente de tais páginas longamente esquecidas, iniciativa de especialistas como Parret, vem suscitando importantes reavaliações das ideias do grande genebrino, dando a sua posteridade inflexões até há pouco insuspeitadas.

Outra intersecção digna de nota é a que ocorre entre os textos de Geraldo Vicente Martins e Amir Biglari por conta do objeto a que dedicam atenção: a arte literária. Martins explora as relações entre semiótica e poética em Guimarães Rosa, tomando como ponto de partida para a reflexão que empreende o conto “A terceira margem do rio”, e Biglari examina, na coletânea de poemas *Les contemplations*, de Victor Hugo, a temporalidade caracterizante da paixão do desespero, mobilizando para tanto uma série de critérios semióti-

* Editores Responsáveis.

cos atinentes à descrição temporal. Ainda dentro da esfera do artístico, não obstante fora da do literário *stricto sensu*, enquadram-se o trabalho de Levi Henrique Merenciano, dedicado à questão do ritmo, plástico e narrativo, no cinema hollywoodiano do século XXI e na fase do cinema brasileiro que ficou internacionalmente conhecida como Cinema Novo, e o trabalho de Saulo Nogueira Schwartzmann voltado para os efeitos de sentido gerados pelas linhas em pranchas da *Série das ligas*, do artista plástico Wesley Duke Lee, efeitos de sentido em que a “impressão” de linha desempenha papel fundamental ao estabelecer o recrudescimento ou a atenuação do contraste basilar entre desenho e pintura, convidando ora à apreensão dos formantes plásticos enquanto tais, ora ao reconhecimento figurativo dos corpos esboçados; ora, enfim, fazendo o espectador hesitar entre uns e outros.

Como dizíamos, este volume da revista, pela mística dos números, reveste-se de uma atmosfera simbólica e exige de nós uma “parada” zilberberguiana, que nos

faz convocar a memória, avaliar o percurso desenvolvido até o momento e projetar o olhar para o próximo decênio. O balanço revela-se animador, tendo em vista que a semiótica, é fato, vem se difundindo e ocupando novos espaços no universo acadêmico do Brasil do século XXI, e que, parece-nos, a *Estudos Semióticos* tem dado alguma contribuição para que esse processo ocorra. Por essa razão, queremos deixar registrado aqui um agradecimento coletivo a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram com a revista nas suas fases sucessivas, laborando para colocá-la no ar, enviando textos para publicação, traduzindo ou ainda envolvendo-se na avaliação e revisão do material proposto. Desde a inauguração, tudo foi concretizado graças ao engajamento voluntário dos membros da equipe editorial. Somos gratos também, pela fidelidade, ao leitor, derradeiro sentido do que fazemos, a quem entregamos este novo número. Dez anos de trabalho em prol da semiótica – até agora. Há muito mais chão pela frente. ●